



Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
LES0237 - Sociedade, Cultura e Natureza
Prof. Dr. Paulo Eduardo Moruzzi Marques

A3 Em torno das desigualdades de gênero

Grupo: Edson Chia Jen Chiang, Gabriela Vitelli, João de Lima Puliti,
João Pedro Bacchin Milanez, Maísa Romanello, Marcelo Kenji Mizokoshi e
Marina Gabrielle Rodrigues.
Com sugestões dos grupos e contribuições do professor

Atualmente, é nítido o sentimento de vergonha que existe ao se discutir sobre “sexo”. Não somente no que se refere ao ato sexual, mas como todo o conteúdo em torno do tema (puberdade, relação entre os sexos, educação sexual e desigualdade de gênero). Essa característica da sociedade contemporânea é resultado de um processo civilizatório que ocultou tudo o que se referia ao sexo, criando inúmeros tabus.

A melhor maneira para entendermos a realidade atual, é analisar o desenvolvimento histórico deste processo. Convém então assinalar que, no século XVI, Erasmo de Rotterdam escreveu manuais para educar meninos nobres com vistas a auxiliá-los no enfrentamento de diferentes situações em suas vidas. Essa obra foi muito criticada pela Igreja, não por causa do teor sexual ou de uma questão moral, mas por conta da heterodoxia de Erasmo, um intelectual que propunha a liberação da criatividade e da vontade do ser humano, em oposição ao pensamento religioso ortodoxo, segundo o qual todas as questões terrenas deviam subordinar-se à religião. De toda maneira, seu texto foi um sucesso na época. Durante a vida de Erasmo, era natural tratar as crianças como adultas, o que permitia apresentar a realidade de maneira muito crua e dura.

As mudanças posteriores no âmbito da moralidade representaram uma transformação na forma de avaliação destes manuais. Ocorre gradualmente uma tendência de estabelecer grande distância entre as crianças e os adultos. Assim, no século XIX o educador Von Raumer, um grande crítico de Erasmo, publica uma obra chamada “A educação das meninas”. Esse livro tinha como objetivo prescrever um modo de comportamento aos adultos para quando suas filhas realizassem perguntas de natureza sexual. O livro de Von Raumer revela de maneira nítida a evolução dos sentimentos de vergonha e embaraço causados pelo processo civilizatório. A sexualidade tornou-se um tema a ser “escondido”, sendo tratado com extrema cautela até entre os adultos.

Von Raumer, sem fornecer um motivo (qualquer que seja), aconselha aos pais a não instigar seus filhos sobre questões sexuais. Quando questionados, o autor propõe então que as

respostas mantenham sigilo e desencorajem a curiosidade. O trecho do livro que se refere a diálogo entre mãe e filha permite apresentar esta visão: “você não precisa saber nem poderia compreender como Deus dá às crianças”.

De fato, os efeitos do processo civilizatórios tornam a vida sexual cada vez mais secreta, com uma mudança nos padrões de vergonha. Com efeito, o casamento também sofre, com o processo de civilização, mudanças, paralela àquela da educação sexual.

Nas cortes absolutistas do século XVII e XVIII, homens e mulheres detém praticamente o mesmo poder social, as nobres damas contando com grande liberdade. Já no século XIX, com a ascensão da burguesia, novas pressões sociais tornam o marido muito poderoso em relação a sua esposa. A mulher então desempenha um papel subordinado ao marido, o apoiando em sua carreira, cumprindo assim somente função de mãe, sobretudo no âmbito privado¹.

Este papel da mulher está associado ao enclausuramento da sexualidade, que foi colocada no mundo do segredo. A família nuclear toma cada vez mais a responsabilidade de orientar o comportamento das crianças e dos jovens, impregnando suas existências de rédeas de autocontrole das emoções e sentimentos.

Neste quadro, o avanço do processo de civilização torna a vida dos indivíduos dividida entre as esferas privada e pública. As funções corporais consideradas íntimas são colocadas “atrás de portas fechadas”. Por outro lado, a interiorização das regras restritivas de comportamento é responsável por criar frequentemente conflitos internos nos indivíduos.

A partir da luta feminista, ocorre gradualmente uma reformulação do papel da família. A figura da mulher, que por muito tempo se caracterizou por acolhedora e cuidadora doméstica, passa cada vez mais na contemporaneidade a estar associada a sua inserção no mercado de trabalho, ultrapassando as limitações impostas no âmbito privado, conquistando cada vez mais liberdade e independência.

No entanto, permanecem grandes diferenças. Segundo dados do IBGE (2018), “as mulheres trabalham, em média, três horas por semana a mais do que os homens, combinando trabalhos remunerados, afazeres domésticos e cuidados de pessoas. Mesmo assim, e ainda contando com um nível educacional mais alto, elas ganham, em média, 76,5% do rendimento dos homens”.

Referências:

ELIAS, Norbert (1995), *O processo civilizador*. Uma história dos costumes, volume 1, São Paulo: Jorge Zahar.

RIBEIRO, T. S.; LEITE, A. S.; MESSIAS, M. B. (2015), “Representações dos papéis sociais da mulher na família contemporânea”. Anais IV Seminário Enlaçando Sexualidades, Salvador: UNEB.

¹ O estudo da socialização de gênero, que consiste na aprendizagem de papéis de gênero com o apoio de agentes sociais, como a família e os meios de comunicação, permite evidenciar que existe uma distinção entre o sexo biológico e o gênero social. Os sociólogos definem a desigualdade de gênero como uma diferença social, o que tem favorecido o homem em termos de poder e prestígio. O gênero é um fator praticamente decisivo na estruturação dos tipos de oportunidade social das vidas dos indivíduos.

IBGE (2018), “Mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem”, Editoria de Estatísticas Sociais do IBGE. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem.html>> acesso em 05 de setembro de 2018.